

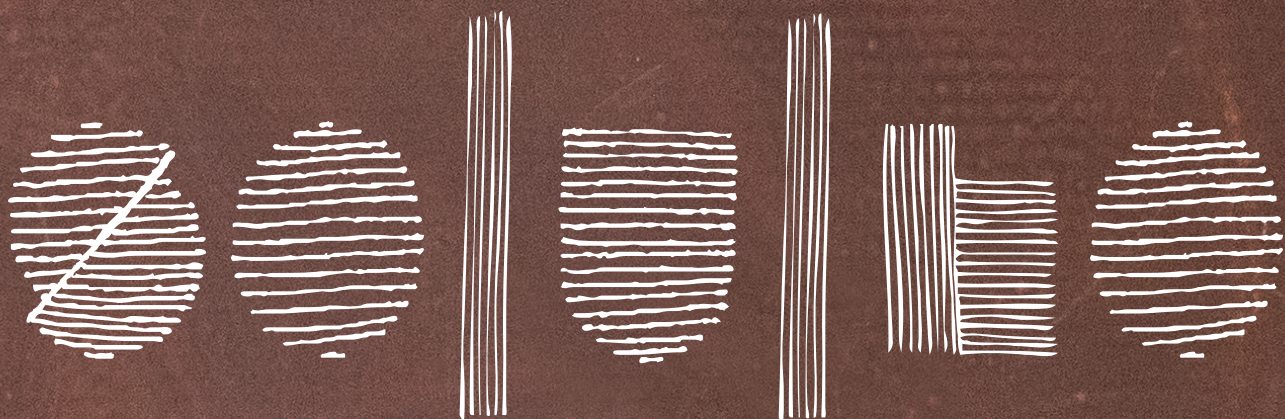




Imagem de capa: Teresa Torres de Eça

Maio de 2026



fotografia: Ângela Saldanha

A REALISTA, ATELIER GRILO REALISTA

ALEXANDRA BAUDOUIN

ANA MACHADO

AUGUSTA GASPAR

CARLA CABRAL

CÉLIA FERREIRA

CLÁUDIA MATOS

ELISABETE OLIVEIRA

EMÍLIA LOPES

FERNANDA PEIXOTO

LIA MORAIS

MARIA JOÃO FIRME MARQUES

RUI ALEXANDRE

TERESA TORRES DE EÇA

TITA SARMENTO

VÍTOR RESENDE

O Solo é a base de toda a existência, por isso, é crucial cuidar e pensar nele.

Nesta exposição, patente na Quinta da Cruz, Centro de Arte Contemporânea de Viseu, de 9 de maio a 11 de julho de 2026, pretendemos partilhar reflexões, com a utilização de dezassete obras artísticas, sobre o solo, que faz parte de cada um de nós e que permite: Produzir alimentos; A biodiversidade; A regulação hídrica; A regulação climática; O Ciclo de nutrientes; O habitat e o seu suporte.

Partindo da nossa errância diária, queremos pensar em conjunto sobre a sustentabilidade deste organismo vivo e vital do qual fazemos parte.

Ângela Saldanha, vice-presidente da APECV



A REALISTA, ATELIER GRILO REALISTA

o sonho da tangerina virou vento I/26

A tangerina carbonizada, resultante de um acidente doméstico, tornou-se fio condutor desta peça, que reflete sobre o solo como organismo vivo, a produção alimentar, o excesso de produção e de consumo. A combustão da matéria orgânica, entendida como errância quotidiana, questiona a massificação e propõe pequenos gestos sustentáveis dentro da comunidade terrestre onde vivemos.

A instalação no espaço organiza-se em dois planos: suspenso no teto, um saco em malha com fio de algodão da coleção Vira-Vento da Rosários 4, composto por treze tiras verticais de malha aberta, e 48 frutos carbonizados no seu interior; no chão, uma composição de cascas de tangerina secas e carbonizadas.

Este objeto têxtil que remete para os filamentos internos do fruto cria uma rede delicada de suspensão executada com a técnica de tricot em malha aberta resultante de malhas caídas por erro intencional, estabelecendo uma tensão entre fragilidade e resiliência e propondo uma reflexão sobre relações de cuidado e regeneração.

Materiais/Técnicas: Fio de algodão Vira-Vento da Rosários 4, malha de tricot, frutos carbonizados, cascas secas e carbonizadas.
Dimensões: 1 saco de malha de tricot - 30x30x150cm; cascas secas e carbonizadas - dimensões variáveis

fotografia: Maria Braga



ALEXANDRA BAUDOUIN

natureza à beira da estrada

Esta proposta, parte da observação atenta sobre aquilo que, num primeiro olhar, parece irrelevante: o pequeno intervalo entre o alcatrão e o lancil do passeio. É nesse espaço ínfimo, frequentemente ignorado e submetido à imposição constante do ambiente urbano que, a natureza encontra formas de emergir. Esta instalação procura tornar visível essa resistência silenciosa.

Através de uma série de fotografias, o projeto documenta plantas espontâneas, sinais de crescimento que irrompem onde, provavelmente nada deveria prosperar. Estas imagens mantêm uma relação direta com o real, de modo a transportar a experiência de um encontro fortuito na rua.

Mais do que um registo documental, esta instalação assume-se como uma reflexão sobre a relação entre o humano e o ambiente construído. Nesse encontro, revela-se uma tensão, mas também uma coexistência inevitável: por mais que a cidade se imponha, a natureza encontra sempre fendas para se manifestar. A opção de instalar as imagens reproduzidas ao nível do rodapé da sala reforça essa intenção. Obriga o olhar, a baixar-se e a aproximar-se, replicando o gesto necessário para reparar nesses lugares.

“Natureza à Beira da Estrada” é, assim, uma proposta que valoriza o residual e o quase invisível. É um convite à redescoberta do banal e à consciência de que, mesmo nos contextos mais adversos, a vida resiste, discreta e profundamente poética.



Materiais: Fotografias reproduzidas sobre papel.
Dimensões de cada imagem: 10x36,5cm



ANA MACHADO

alquimia dos elementos

A peça foi realizada em grés, matéria-prima natural proveniente da terra, que submetida à água é matéria dúctil, mas submetida ao fogo torna-se resistente e inerte. Linhas de óxido fluem na superfície como o curso de água, contornando a serra. Ao centro, as sobras do corte da lastra são como restos da floresta que vagueiam no leito do rio, pontos de tensão entre dois lados de uma mesma paisagem. A obra estabelece um diálogo entre os elementos terra, água e fogo, sugerindo um território onde forças naturais se encontram, revelando o potencial entre contenção e fluxo, permanência e transformação.

Materiais/técnicas: Grés, óxido de cobre e vidro/Técnica da lastra
Dimensões: 36,5x15,5x10cm



AUGUSTA GASPAR

impressões

Criado a partir da sobreposição de flores e folhas em tecidos de fibras naturais. O tecido e as folhas são embalados juntos e cozidos a vapor, é um processo natural, sustentável, orgânico e sem materiais tóxicos.



Materiais/Técnicas: eucalipto sobre lã merino
bombas de sementes (barro, terra e sementes)
Dimensões: 70x150cm



CARLA CABRAL

impermanência

Na errância confronto-me com a i.materialidade do mundo e a sua contínua transmutação.

Fascina-me a beleza, às vezes feroz e voraz, outras subtil e delicada, da decadência inerente a todas as coisas, as que respiram e as inertes, em escalas mais ou menos visíveis ao olho humano. De tecido vegetal ou animal a húmus, de rocha sólida a terra, inexoravelmente, respiração a respiração, átomo a átomo, esvaímo-nos lentamente.

Habitamos nesta impermanência dos seres e das coisas, nos interstícios da matéria, da memória e do agora. Habitamos a impermanência do ser e a inquietude do tempo e desvanecemos-nos até sermos outro(s).

Materiais/Técnicas: Técnica mista integrando suportes pictóricos, elemento orgânico suspenso e contentor de madeira com materiais orgânicos.

Dimensões: 100x170x35cm
7 elementos



CÉLIA FERREIRA

teia telúrica

A obra, intitulada “Teia Telúrica”, estabelece um diálogo entre a materialidade do solo e a estrutura da tecelagem. O termo “telúrica” remete para a energia e a proveniência da terra, enquanto a “teia” define a organização sistêmica e a interconexão de elementos. A peça central, resultante de um processo de impressão botânica em papel de aguarela, funciona como um registo fóssil contemporâneo, capturando os pigmentos e as formas orgânicas da natureza através do contato direto. O contraste entre Geometria e Organicismo, fios de seda que criam uma grelha de linhas verticais e paralelas que contrastam fortemente com as formas curvas, irregulares e fluidas da impressão botânica. Esta interação é uma tentativa de organizar, medir ou conter a natureza selvagem dentro de uma estrutura racional e geométrica.

Materiais/Técnicas: técnica mista: papel de aguarela, cartão, fio de seda. Peça constituída por 3 elementos distintos, peça central é papel de aguarela com impressão botânica, por pressão e fervura. Cartão que suporta a teia de fios de seda e a peça central.
Dimensões: 29,7x21cm



CLÁUDIA MATOS

raízes da consciência

A obra explora a importância das raízes como elemento essencial dos ecossistemas e metáfora de interdependência. Através de colagens de papéis com diferentes texturas, constrói-se uma representação estratificada do solo, evidenciando a sua complexidade e fragilidade. O bordado com linha desenha as raízes, atravessando as camadas e simbolizando os fluxos invisíveis que sustentam a vida, como o ciclo de nutrientes. Ao tornar visível o que está oculto, a obra propõe uma reflexão sobre a necessidade de preservar o solo, reconhecendo-o como um sistema vivo fundamental ao equilíbrio ambiental.

Materiais/Técnicas: tinta acrílica, diferentes tipos de papéis e rede, musgo preservado e fio de bordar sobre tela.
Dimensões: 50x40cm



ELISABETE OLIVEIRA

mulher-terra. homenagem a Natália Soeiro

Há pessoas em quem vivem raízes da terra, comunicando-as no seu viver e gestos. Assim foi Natália Soeiro, que recentemente morreu e aqui homenageamos: Em Trás-os-Montes, de António Reis, a mãe-ternura junto ao berço, ou a trasmontana que fende a neve do chão do cemitério para depor as suas flores; acolhendo, sob a coroa de buganvílias à porta da sua casa; ou fotografando a descobrir emoção no comum - por exemplo a melancolia do seu (Sher)Lockinhas... Novelo de emoções que trabalham a consciência, para perdurarem a pureza - que a habitou desde criança - espelhando a força e integralidade duma terra, inteira...

Materiais/Técnicas: Técnica mista/instalação sobre madeira: acrílica; fotografia (a da portada, com IA); e arame.
Dimensões: 60x60cm



Elisabete Oliveira 2026

EMÍLIA LOPES

união

Esta obra é um poema à vida, à mulher e ao seu poder de transformação.
O poder feminino da terra que se agrega, se une, se adapta e se molda, sem nunca desistir daquilo que a transforma: o Amor pela vida.

Materiais: pedra basalto e cerâmica

Dimensões: 60x65x40cm



FERNANDA PEIXOTO

branco é terra – isto não é um chapéu!

A cabeça da figura é lisa, com um nariz proeminente e pupilas representadas por duas pequenas lâmpadas sem luz. A textura é rústica e irregular. Os sentidos representam-se.

O chapéu branco e com a borda inferior cinza e texturizada, cobre a parte superior da cabeça e desce pelos lados, escondendo parcialmente o rosto, lançando sombras. As flores vermelhas vibrantes contrastam com a severidade da textura bruta.

A luz branca unifica e contrasta com a natureza estática escultura, situando a peça num contexto natural e relaxado, embora o foco principal permaneça na obra em si.



LIA MORAIS

SOLO_pedras no caminho

Na areia da praia - manto de cor amarelada cuja rugosidade se sente ao caminhar - observo uma imensidão de pedras e pedrinhas de cores pastel e de formas roliças, modeladas pelo tempo. São memória antiga da Terra e, agora, sedimentos que compõem o solo, essencial à manutenção, filtragem e salubridade da terra que pisamos, tocamos e da qual fazemos parte. Somos, assim, elementos que compõem um organismo em constante transformação.

Da relação entre a pedra e o nosso corpo nasce uma superfície: um solo único e precioso, delineado por um caminho de 109 elementos singulares, ligados entre si.

Materiais: Pedras da praia; fio de ferro; papel;
placa de aglomerado de madeira; fio de linho;
pregos.
Dimensões: 167x167x7cm



MARIA JOÃO FIRME MARQUES

solo.manifesto do objeto de sentar

O livro de artista Manifesto do Objeto de Sentar parte de uma cadeira enquanto objeto quotidiano, explorando as suas funções e não-funções. Para esta exposição, a obra assume a forma de um vídeo que documenta uma ação performativa: a cadeira é colocada sobre terra, e o gesto de sentar, deitar e tocar o solo torna-se uma reflexão sobre a relação do corpo com esta base essencial da vida.

Através desta ação, estabelece-se um diálogo entre corpo, objeto e espaço, questionando hábitos, gestos e formas de habitar. O solo surge como matéria viva e sensível, convocando uma consciência mais atenta ao contacto, ao equilíbrio e à presença.

Materiais/Técnicas: Livro de artista em formato A5; técnicas mistas: fotografia, colagem, stencil, escrita manual, impressão digital, verniz, papel vegetal, canetas Posca e costura manual; vídeo projetado com som, com registo de ação performativa, exploração do solo e edição de imagem.

Dimensões: Livro: A5 (aprox. 14,8×21cm)

Vídeo: duração aproximada de 4–5 minutos; projeção adaptável ao espaço expositivo, com presença de uma cadeira no espaço de projeção e recurso a auscultadores

Vídeo: Lia Morais



RUI ALEXANDRE

(S)er(es)

Esta obra propõe uma reflexão sobre a relação umbilical entre o ser humano e o solo, entendido como matriz vital, habitat e organismo vivo.

Entre escultura e pintura, constrói-se uma narrativa onde a figura humana emerge elevada, num gesto de questionamento/reconhecimento/gratidão perante a Terra que sustenta e conecta todas as formas de vida. O solo deixa de ser apenas suporte físico para se afirmar como entidade sensível e interdependente, convocando uma consciência ecológica e ética de crescimento do(s) (S)er(es).

Neste diálogo entre corpo e território, a obra sugere uma reaproximação ao essencial, evocando o equilíbrio quase perdido (e queimado) entre humanidade, natureza e sustentabilidade.

Materiais/Técnicas: Técnica mista sobre madeira e terra

Dimensões: 25x25x22cm



TERESA TORRES DE EÇA

frágil solos[illegible]

Materiais: Caixa de cartão com frascos de vidro e terra
Dimensões: 30x27x10cm



AL-100
Clay, Bone
Powder, Bone

AL-100
Clay, Bone
Powder, Bone

AL-100
Clay, Bone
Powder, Bone

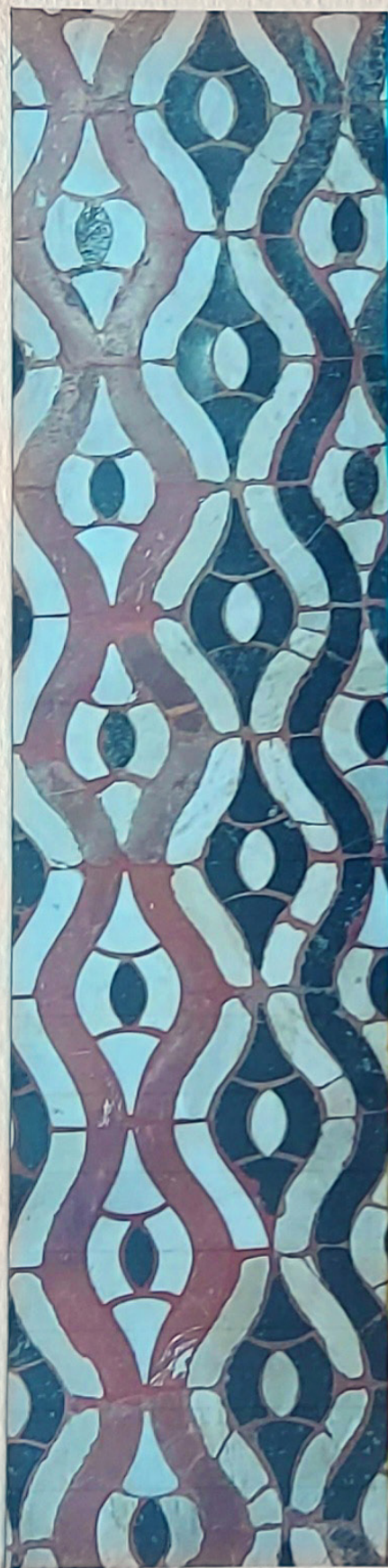
AL-100

TITA SARMENTO

energia 1

Entre padrão e vida, a composição revela um diálogo íntimo. À esquerda, a repetição geométrica evoca memórias fixas, ecos de espaços vividos. À direita, sob um azul sereno, duas plantas erguem-se frágeis, folhas simples abertas ao ar. Abaixo, a terra quente guarda raízes que se entrelaçam como pensamentos ocultos, sustentando o visível. Há um equilíbrio sutil entre rigidez e crescimento, passado e presente. O padrão persiste, mas a vida insiste em transformar-se. Nesta tensão suave, encontra-se uma narrativa de origem, resistência e continuidade, onde o invisível alimenta o que se mostra e o tempo se desenha em silêncio contínuo.

Materiais/Técnicas: papel 300gr, aquarela,
colagem e caneta
Dimensões 32x24cm



TIRD 01.2026

VÍTOR RESENDE

ABIOGENESIS VRI

A primeira obra da coleção Abiogenesis, integrada no processo de criação de objetos artísticos contemporâneos resultantes do uso de elementos da Natureza. Esta peça, realizada em barro vermelho, vime e lã de Bucos, é parte do Projeto TRAMAS, da TEQUE – Associação Cultural Artística em Cabeceiras de Basto, da autoria do Professor Vítor Resende.

Materiais/Técnicas: barro vermelho, vime e lã de Bucos
Dimensões: 60x30x30cm







Esta exposição é integrado no Soil! I see You”, do projeto SoilTribes do programa Horizonte Europa, no âmbito da chamada “Missão Solo – Pacto para o Solo na Europa”, financiado pela Agência Executiva de Investigação Europeia (REA).



SoilTribes



Funded by
the European Union



MUNICÍPIO DE
VISEU



QUINTA
DA CRUZ
CENTRO DE APOIO CONTEMPORÂNEO

